

OBRA CIENTÍFICA E HONESTIDADE INTELECTUAL: UM COMENTÁRIO (E HOMENAGEM) À OBRA DE PEDRO PAULO ABREU FUNARI*

Víctor Revilla Calvo¹

Como é habitual na comunidade científica, minha primeira aproximação com Pedro Paulo Abreu Funari foi indireta. Dito de outro modo, ele era para mim o que costumamos denominar como um “conhecido bibliográfico”, alguém que conhecemos mais por sua produção científica do que pessoalmente. No caso de Pedro Paulo, esse conhecimento remonta ao período de fins da década de 1980, em que preparava minha tese de licenciatura sobre economia romana; seguida anos mais tarde por uma tese sobre o mesmo tema. Naquele momento, as indicações de meu diretor de tese me levaram a procurar e ler seus trabalhos científicos. Esses trabalhos me impactaram. Não se tratava apenas do fato de que a temática se movia pelo âmbito da economia romana e que, de algum modo, afetasse meu próprio trabalho. Neles haviam ideias, propunham-se hipóteses bem fundamentadas, desenvolvidas com um modo de pensar que ainda não era frequente na literatura científica espanhola. Por detrás havia também uma metodologia pouco habitual, determinada por uma perspectiva multidisciplinar, que recorria, sem inibições, à epigrafia sobre o *instrumentum*, à arqueologia e aos textos literários; estes últimos eram, além disso, desconstruídos cuidadosamente, uma vez que se percebia claramente sua condição de imagens codificadas e elaboradas pelas elites gregas e romanas.

Este conhecimento indireto converteu-se em relação pessoal na ocasião duma das várias visitas que Pedro Paulo realizou à Espanha; mais concretamente, como resultado de algumas de suas estadas para pesquisa em nossa universidade. Fruto dessa relação foi a proposta de realizar uma visita à Universidade Estadual de Campinas. Este projeto foi possível em 1999 graças ao auxílio da FAPESP. É difícil resumir as impressões dessa visita, determinante para mim tanto em nível científico

* Traduzido do espanhol por Rafael Aparecido Monpean, Doutorando em História, USP.

¹ Professor Titular, Universidade de Barcelona, Barcelona, Espanha. E-mail: victorrebillac@gmail.com

como pessoal, apesar de não ter sido muito longa. Graças a essa visita tive a oportunidade de conhecer outra comunidade acadêmica, outra prática

científica e, sobretudo, outra sociedade, a brasileira, construída sobre a base do multiculturalismo. Cheguei ao Brasil um pouco desorientado, sem saber nada mais do que tópicos sobre o país, que logo me mostrou toda sua diversidade. Também um pouco desorientado sobre o que eu poderia proporcionar ao currículo de uma universidade como a Unicamp. Podia interessar uma investigação centrada na história da conquista romana e a economia da *Hispania*? E, sobretudo, essa investigação podia conectar intelectualmente com as necessidades pessoais de alguns estudantes para os quais a História de Roma não constituía um legado cultural acriticamente aceito?

Sem dúvida, o balanço final foi extremamente positivo para mim. Em Campinas encontrei outra forma de organizar e de sentir a vida universitária, dentro de um quadro acadêmico que tinha pouco a ver com o da universidade espanhola: um quadro de convivência e atividade científica construído a partir de uma relação mais próxima e uma maior liberdade na relação professor-aluno, na troca de opiniões e na disposição; tudo isso construído a partir da constatação da forte diversidade de procedências e interesses dos membros da comunidade universitária. Tive a oportunidade, igualmente, de viver e conhecer outras localidades (em São Paulo, em Joinville), no âmbito universitário e na vida cultural dos museus locais e regionais, o que me permitiu apreciar as motivações que explicam a relação entre sociedade, ciência e patrimônio que inspiraram a ação e o pensamento de Pedro Paulo. Minha visita ao Brasil também me serviu para conhecer a alguns de seus alunos e discípulos. A relação com eles continuou nos anos posteriores, graças as suas visitas à Universidade de Barcelona. Todos eles demonstram a mesma motivação, liberdade de pensamento e curiosidade científica de seu mestre. O que é possível definir como a “marca de fábrica” de uma escola.

Este breve resumo de circunstâncias pessoais me serve como introdução para realizar um comentário mais específico sobre o que significou a influência da obra de Pedro Paulo em diversos campos da historiografia e da arqueologia da Antiguidade Clássica na Espanha.

A obra de Pedro Paulo Funari se desenvolveu em campos realmente muito diversos: desde os estudos mais específicos de cultura material da antiguidade até a arqueologia histórica, seguramente uma de suas áreas de trabalho preferidas. No caso de alguns pesquisadores esta diversificação corre o risco de conduzir à dispersão e à superficialidade.

No caso de Pedro Paulo esta característica é o reflexo de uma profunda curiosidade intelectual que tem efeitos positivos, pois lhe permitiu aproveitar repetidamente as ideias e as práticas mentais desenvolvidas para uma área de pesquisa em outros campos. Bastará, nesse sentido, analisar o impacto do trabalho do autor em alguns campos de alta especialização.

O primeiro, o da cultura material romana, em que o autor dedicou uma atenção especial às evidências arqueológicas relacionadas com a produção e exportação de produtos alimentares na Roma antiga, em particular ao estudo da tipologia e da epigrafia das ânforas romanas como documento que permite a quantificação, a datação e a cartografia dos fluxos comerciais. Este estudo tem a vantagem adicional de oferecer a possibilidade de aprofundar o conhecimento da sociedade romana ao analisar fenômenos de consumo e gosto elaborados por classes e coletivos sociais diversos. Nas últimas décadas, a partir de 1960-1970, os estudos dedicados à cultura material da antiguidade e, em particular, às suas produções cerâmicas, experimentaram um desenvolvimento acelerado. Esse fenômeno foi traduzido numa autêntica explosão de publicações que, com extensão e profundidade diversas, abarcam todas as possibilidades de análise: desde monografias de escavação, nas quais se descrevem os repertórios associados às formas de vida e trabalho de um assentamento, até interesses regionais que abordam questões relacionadas com os mecanismos econômicos, culturais e políticos que impulsionaram a criação de alguns circuitos de troca de alcance mediterrânico. Mais recentemente, a partir da década de 1990, ao passo do desenvolvimento da informática, introduziu-se na História Antiga novos instrumentos de coleta, catalogação e análise da documentação que permitiu criar bases de dados cada vez mais amplas e complexas. Um exemplo disso é, dentre outros, a base de dados sobre epigrafia anfórica dirigida por J. Remesal, da Universidade de Barcelona, *online* desde 1991 (<http://ceipac.ub.edu>), ou a base sobre tipologia e arqueometria anfórica conduzida por S.J. Keay da Universidade de Southampton, *Roman Amphorae: a digital resource*, desde 2005)². Estas bases de dados, que integram documentação tradicional (tipologia, epigrafia) e de novo tipo (arqueometria), proporcionam um impulso renovado no estudo da cultura material. Por exemplo, permitindo estabelecer relações entre

² Podem ser citados outros recursos igualmente importantes, mesmo que com objetivos mais limitados: como a base de dados sobre ânforas de fabricação espanhola do *Institut Català d'Arqueologia Clàssica de Catalunya* (<http://amphorae.icac.cat>) ou o dedicado à arqueometria das ânforas das Gálias dos séculos I a III d.C., gerida pela *Maison Archéologie & Ethnologie, René-Ginouvès* de Nanterre (www.mae.u-paris10.fr/terresdamphores).

diversos tipos de dados ou sequências cronológicas, assim como a análise estatística e a quantificação. Esta última possibilidade é imprescindível na história econômica, como visto no intenso debate teórico produzido nos últimos anos (Bowman, Wilson, 2009; Callataÿ, 2014).

Este interesse crescente pela cerâmica reflete a consciência da importância deste tipo de documentação para apresentar questões de caráter histórico: basta citar, como exemplo, o problema que supõe definir, em termos de continuidade e inovação, as mudanças que se produzem nas estruturas sociais ou econômicas e as mentalidades entre a República e o Império, para o qual a cultura material apresenta evidências importantes na forma de tradições artesanais (locais, regionais, provinciais) ou de novos hábitos de consumo e de trabalho (é o caso do fenômeno da reciclagem no âmbito doméstico). As novas questões, em chave histórica, que coloca esta evidência material tão modesta tem gerado uma renovação total de perspectivas e de abordagens de trabalho.

Os novos procedimentos analíticos, em particular, permitiu superar o recurso exclusivo à classificação tipológica como forma tradicional para identificar as produções e reconstruir os circuitos de trocas. De forma necessária, esta renovação conduziu à definição de espaços de debate cada vez mais delimitados pelos problemas tratados e pelos métodos utilizados. Seguindo a experiência desenvolvida no estudo da cultura material de outros períodos, os tipos de cerâmica distintos (especialmente as louças finas de mesa e as ânforas) são tratados cada vez mais como objetos de estudos específicos, que requerem uma aplicação particular dos procedimentos analíticos gerais e a elaboração de hipóteses apropriadas. Apenas desta forma é possível alcançar um conhecimento melhor das relações com outras manufaturas (entendendo-as globalmente como resultado de algumas tradições artesanais e culturais) e com a produção de outros bens para, em última instância, atingir a um maior conhecimento de certos aspectos da economia e das sociedades antigas. Toda a obra de Pedro Paulo Funari se integra nesse contexto de renovação teórica e metodológica, superando a perspectiva centrada na classificação tipológica de categorias particulares de louças ou de ânforas. É fundamental a este respeito a monografia redigida com C. Carreras sobre a circulação do azeite da *Baetica* ou *Africa Proconsularis* nas províncias do norte do Império Romano: *Britannia y el Mediterráneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia* (Carreras Monfort, Funari, 1998).

Dedicar uma monografia ao estudo da distribuição e o consumo de um produto como o azeite não é o resultado de uma escolha arbitrária, e isto por várias razões. Em primeiro lugar, porque o azeite é, ao lado do vinho

e dos cereais, um dos componentes da famosa tríade mediterrânica. Seu cultivo se associa a uma ecologia específica e a algumas condições de produção que as sociedades proto-históricas e históricas do mundo oriental e mediterrâneo desenvolveram e aperfeiçoaram ao longo de milênios. Trata-se, em outras palavras, de um recurso que simboliza um sistema socioeconômico e é, por sua vez, um elemento associado a processos de troca e contato cultural. O azeite é, por outro lado, um produto com usos muito diversos: alimento e condimento, combustível para iluminação, componente da higiene, da cosmética ou da medicina, etc. Seu uso, em grande quantidade e de forma regular, associa-se a um padrão de vida propriamente romano e depende, nas províncias do norte estudadas por Pedro Paulo, da existência de estruturas de comercialização. Mas este uso também depende da difusão e aceitação (ou não) de certos hábitos de consumo que supõem mudanças significativas nas práticas culinárias. Amostra disto são as diferentes formas de consumo nos assentamentos civis e militares da Bretanha e das Germânicas que Pedro Paulo soube levar em consideração. Com esta percepção se adivinha o interesse pela história da cultura e das identidades culturais que constitui outro de seus campos de trabalho. O estudo de sua difusão, portanto, foi um meio de aprofundar o conhecimento do impacto da conquista romana sobre as sociedades celtas e germanas que ocuparam o espaço do continente europeu entre os séculos I a.C. e II-III d.C. Os trabalhos de Pedro Paulo, inseridos num diálogo enriquecedor com a obra de outros pesquisadores (por exemplo: Remesal, 1986, 1987; Whittaker, 1989), contribuiu na reconstrução das dinâmicas históricas geradas pela conquista romana no centro e no ocidente da Europa, situando a economia em seu lugar. Nessa mesma perspectiva se integra outras obras, como *Cultura material e arqueologia histórica* (Funari, 1998) e, sobretudo, *Mercato. Le commerce dans les mondes grecs et romain* (Funari, Pollini, 2012). Esta obra, escrita em colaboração com um dos maiores especialistas sobre finanças e bancos no mundo romano, Jean Andreau, contém uma seleção de textos literários clássicos que são analisados com um rigor profundo.

Outro dos campos de estudos ao qual Pedro Paulo se interessou é o que foi denominado comumente como História das mentalidades, cuja perspectiva é diferente à de uma História da Cultura (e ainda mais à de uma simples História das culturas). Não é necessário insistir em como os discursos literários dos autores antigos, membros de uma elite que pensava, atuava e imaginava a escala imperial, oferecem uma imagem da ordem social embasada na aceitação de uma hierarquia natural, com diferenças igualmente naturais de riqueza, *status*, e condição jurídica, sem falar das desigualdades sustentadas pelo gênero e pela idade, que tornam

determinados coletivos invisíveis; esta invisibilidade afeta em especial a mulher, os grupos etários (os velhos ou as crianças) e os escravos. O estudo da identidade cultural é uma perspectiva que pretende dar voz a outros grupos, marginalizados por seu gênero, condição, status, pertencimento cultural, etc., rompendo com o sentido unidirecional, hegemônico e de autorrepresentação das elites de uma sociedade. A produção científica de Pedro Paulo, impossível de resumir aqui, é um exemplo de uma sensibilidade científica nova, que supõe o desenvolvimento de perspectivas novas, mas também de uma metodologia diferente, que analisa evidências novas ou já conhecidas.

O campo mais evidente é o dos *graffiti*. Esta prática é particularmente importante no mundo romano, como demonstram as inscrições parietais em Pompeia e em outros lugares da Campânia, assim como as milhares de inscrições em cerâmica recuperadas por todo império. Por meio desta evidência, que impactou fortemente a comunidade científica desde seu descobrimento no século XVII e que afetou o modo tradicional (quer acadêmico ou convencional) de avaliar a sociedade romana, foi possível se aproximar, de modo distinto, aos valores e aos comportamentos de coletividades marginalizadas pelo registro literário, definir os processos que conduzem à criação de formas de identidade coletiva e individual (social, cultural, de gênero, etc.) e analisar as relações entre os diversos grupos que integram uma sociedade tão fortemente hierarquizada como a romana; uma sociedade na qual, como resultado da conquista romana do Mediterrâneo, confluem uma cultura de elite (determinada por uma linguagem estética e alguns modelos éticos helênicos profundamente readaptados no período helenístico) e um mosaico de culturas regionais muito diversas. Estas culturas, por sua vez, foram mais ou menos influenciadas pelo legado grego desde a época arcaica: púnicos, etruscos, celtas, egípcios, persas. Estudar as manifestações escritas da sociedade romana, para além da literatura culta, significa desenvolver uma dupla perspectiva e uma dupla sensibilidade, ambas social e cultural. Só assim é possível tentar desentranhar os traços que caracterizam as diversas culturas locais no império ou a cultura popular romana (com limites imprecisos de definir) e sua evolução no tempo. De modo mais concreto, só a partir desta sensibilidade se pode perceber o processo de criação cultural por meio do qual coletivos definiram sua identidade e se situaram num contexto histórico complexo. O império romano, com a sua extensão e diversidade, é, nesse sentido, uma realidade muito complexa e difícil de captar.

Neste contexto histórico complexo, o uso da escrita em formas diversas, desde o signo até a palavra, em combinação com o uso de imagens,

deveria contribuir para dar novos significados aos objetos cotidianos sobre os quais se escreviam, uma vez que lhes atribuía um valor comunicativo que relacionava indivíduos e certas iniciativas que se concentravam em um lugar. É isto que acontece com os milhares de objetos inscritos que a arqueologia recuperou, redigidos tanto em latim quanto em outras línguas que o império abrangia. Mas esta autêntica invasão da palavra escrita e da imagem é apreciada também em outro tipo de suporte: as paredes.

Este conjunto de práticas de comunicação se desenvolveu em lugares e situações precisas, relacionados com determinadas intenções ou determinadas funções que nem sempre podem ser especificadas ou explicitadas claramente. São mensagens cotidianas e imediatas, que respondem a necessidades de expressão imediatas e diretas; em outras palavras, são mensagens codificadas, cotidianas, sem pretensão de eternidade, difíceis de desentranhar. São, precisamente por essas razões, um meio fundamental de se aproximar das crenças e dos comportamentos reais de grande parte da população do império, uma vez que são partes de mecanismos de comunicação social e de definição de identidades desenvolvidas por indivíduos, coletivos pequenos e comunidades em situações e cenários diversos. Encontram-se dentre eles a religião, mas também os jogos complexos de alusões e de identificação pessoal criados pela convivência e o trabalho cotidiano que aparecem nas paredes ou sobre as louças. Não se pode excluir nenhuma dessas possibilidades. Conforme destacaram pesquisadores diversos, a definição das identidades na sociedade romana implicava processos ativos de seleção entre um repertório de imagens e uma cultura material, em contínua redefinição, produzida dentro de um quadro imperial; esta seleção era acompanhada por um uso preciso de formas diversas de mensagem escrita (Alfayé, Marco, 2008; Woolf, 1995; Hingley, 2005).

É neste campo de estudo em que se integra uma obra de formato pequeno, breve e simples, mas muito importante: *La cultura popular en la antigüedad clásica* (1991). Nela se reúne e interpreta um conjunto de exemplos de grafites parietais de Pompeia, caracterizados pela combinação de texto e imagem. Todos eles são conhecidos há muito tempo e numerosos pesquisadores destacaram, justamente, os temas que tratam esses grafites: situações relacionadas com o ambiente dos jogos de gladiadores (combates, heróis populares), o sexo, as fofocas do bairro ou da vida local. A análise feita destas evidências nesse livro soube destacar alguns princípios que caracterizam a linguagem popular e seus códigos: os jogos de palavras e as alusões mais ou menos claras, os exageros humorísticos, o uso cuidadoso dos insultos ou a palavra chula (nem

sempre ofensiva) e de duplo sentido. Destacou-se também outro aspecto fundamental: a já aludida combinação de texto e imagem. Esta combinação é mais profunda do que pode parecer, uma vez que o texto não funciona simplesmente como uma ferramenta informativa. O texto adquire também um valor estético, supera os limites tradicionais da *ordinatio*, convertido em outra imagem. Deste modo, uma frase assume uma configuração sinuosa ou uma forma que sugere a mensagem transmitida: a feiura de uma pessoa por meio de características somáticas esquematizadas; a potência sexual, etc. A disposição do texto, em resumo, reforça e completa tudo que é representado pela imagem. São elementos imprescindíveis de uma mesma mensagem. A análise de Pedro Paulo, por meio de exemplos muito bem escolhidos, aprofunda esta e outras ideias para descobrir um código autêntico. Igualmente importante é a análise da estrutura dos textos e de seus elementos componentes, organizados em torno de uma série. Muitos desses aspectos foram ampliados em trabalhos posteriores (Funari, 1993a, esp. p. 169 e seguintes; 1993b).

A influência desta monografia é apreciada no trabalho de outros autores como N. Horsfall (1996, 2003), e pode ser percebida em trabalhos bem recentes, como a monografia de Kristina Milnor (2014) dedicada à *Literary Landscape in Roman Pompeii*. Poder-se-á argumentar que os grafites parietais das cidades do Vesúvio permitem apenas uma aproximação parcial e enviesada para o conhecimento da cultura das classes baixas da sociedade romana (uma visão “italocêntrica”). Mas existem indícios suficientes da extensão dessa prática por todo o Mediterrâneo, em todo tipo de situações e sobre todo tipo de suportes materiais (cerâmica, parede, pedra) para utilizar a evidência de Pompeia e Herculano como o meio mais direto para se aproximar de realidades e preocupações cotidianas de uma sociedade de dimensões imperiais. Utilizado uma expressão velha e feliz, também nessa esfera o período imperial supõe uma extensão do *epigraphic habit*. O trabalho de Pedro Paulo é completado com a exploração de linhas de investigação que abordam outras temáticas e recorrem a outros filões documentais. Pode-se citar a este respeito, *Aspectos de La Cultura Popular Romana a Partir de Pompeya. Arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano* (2012). Vários dos discípulos de Pedro Paulo desenvolveram esta linha de investigação com grande proveito. Basta recordar algumas das monografias de Renata Senna Garraffoni (2002, 2005) ou o trabalho de Lourdes Feitosa (2005).

Paralelamente, o trabalho de Pedro Paulo se insere em um campo mais amplo e que conheceu um desenvolvimento particular nas últimas décadas: a mudança cultural e os processos de definição das identidades

em âmbitos diversos: social, religioso, político. O debate sobre isso é muito importante e foi iniciado com o questionamento radical de perspectivas (em primeiro lugar, a perspectiva colonial) e de terminologias, começando pela palavra “romanização”. A bibliografia sobre o tema é enorme e o debate bem animado (Woolf, 1992, 1995, 1997, 1998; Webster, 2001; Hingley, 2005; Witscher, 2000; Terrenato, 1998, 2008, 2013). Neste cenário, os estudos pioneiros sobre cultura popular, um termo em si mesmo difícil de definir, adquirem um novo valor pela importância que concedem ao estudo integral dos grafites enquanto combinação específica de texto, imagem e suporte como um meio de definir as identidades individuais e coletivas na sociedade romana (Cooley, 2002; para a cultura popular na Roma imperial: Horsfall, 2003; Toner, 2009). A análise do autor ampliou-se nos últimos anos para a perspectiva de identidade, como demonstram algumas obras importantes e colóquios editados: *Identidades, discurso e poder. Estudos de arqueologia contemporânea* (2005), *Política e identidades no mundo antigo* (2009), *Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo* (2010). O tema da identidade é analisado nestes trabalhos a partir de perspectivas muito diversas (sociedade, religião, guerra, política) que relacionam mundo antigo e nossa época contemporânea.

Isso nos conduz até outro campo de estudo, de grande atualidade e que ultrapassa os limites estritos da pesquisa acadêmica: o da “recepção” do mundo clássico. O interesse pelos problemas em torno da transmissão do legado clássico, sua contribuição à definição de uma identidade (europeia ou ocidental) ou sua manipulação respondem, creio, a uma ideia particular: a “recepção” como um diálogo, em revisão contínua, entre nossa sociedade moderna e o passado. Este diálogo converte-se em debate quando se avalia o peso do legado clássico na composição da identidade brasileira contemporânea. A percepção da atualidade desse debate inspira iniciativas como a obra *New Perspectives on the Ancient World: Modern perceptions, ancient representations* (2008), editada por Pedro Paulo junto com R. S. Garraffoni e B. Letalien.

Por sua vez, a atividade de Pedro Paulo nesse campo inspira a elaboração de material didático e pedagógico, boa parte dos quais conheci e utilizei diretamente. Sua atividade se materializou na preparação de instrumentos de trabalho de tipo bem diverso. Estes instrumentos foram pensados para utilização em contextos muito diferentes, com atores igualmente diversos: o grande público, o entusiasta que deseja adentrar no mundo antigo, os jovens prestes a entrar na universidade. A elaboração desses tipos de instrumentos é especialmente difícil, uma vez que a simplificação (que implica reduzir uma informação em algumas

poucas fórmulas redutivas) e a homogeneização excessivas devem ser evitadas por igual. Este duplo processo de simplificação e homogeneização encerra outro perigo: construir uma imagem do passado idealizada e que reproduz o discurso elaborado por determinadas elites, seja a sociedade escravista romana, seja o Brasil moderno e contemporâneo, uma sociedade também embasada parcialmente na escravidão – aspecto que já enfatizei anteriormente. A obra de P.P. Funari evita esse perigo e é consciente da necessidade de se dirigir a pessoas e coletivos cujos interesses e necessidades evoluem em função do contexto cotidiano em que atuam, como aficionados, como estudantes, como “consumidores” de cultura, etc.; os mesmos indivíduos, porém com interesses mutáveis. Felizmente, a comunidade científica está cada vez mais consciente da obrigação ética de difundir os resultados de uma atividade de pesquisa que tem sido sustentada pelo financiamento público e de divulgar esses resultados à sociedade. Uma obrigação ética, claro, mas também uma atuação guiada por fatores práticos: procurar o apoio social para uma prática científica cada vez mais custosa e cada vez mais difícil de justificar pela simples curiosidade científica. A obra de Pedro Paulo é pioneira nesse sentido, não apenas na sociedade brasileira, como também por sua influência no trabalho de muitos colegas em outros países do continente americano. Esse trabalho reúne uma ampla gama de matizes: *Arqueologia* (1988), *A Cidade e a civilização romana: um instrumento didático* (1997), *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos* (2003), *Patrimônio histórico e cultural* (2006a), *Patrimônio e cultura material* (2006b), *Arqueologia e patrimônio* (2007).

É impossível fazer justiça ao valor da obra de Pedro Paulo ou, de modo mais simples, tentar resumir seu impacto no campo das ciências históricas, seja no Brasil, no campo acadêmico americano ou na Espanha. Se tivesse que explicar no que reside esse valor, teria que fazer referência, sem dúvida, à combinação de rigor científico, honestidade intelectual e sensibilidade. Uma combinação rara em nossa profissão, que tive o privilégio de conhecer pessoalmente.

Bibliografia

ALFAYÉ, S.; MARCO, F. Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions. In: HÄUSSLER (ed.). *Romanisation et épigraphie. Études interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl, 2008, 281–305.

BOWMAN, A. K. & WILSON, A. I. (eds.). *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CALLATAY, F. de (ed.). *Quantifying the Greco-Roman Economy and Beyond*, Bari: Edipuglia, 2014.

CARRERAS MONFORT, C.; FUNARI, P.P.A. *Britannia y el Mediterráneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Barcelona: Edicions Universitat Barcelona, 1998.

COOLEY, A. (ed.). *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, 2002.

FEITOSA, L.C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume, 2005.

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *La cultura popular en la Antigüedad Clásica*. Écija: Editorial Sol, 1991.

_____. El carácter popular de la caricatura pompeyana, *Gerión*, 11, 1993a, 153-173.

_____. Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii, *Journal of European Archaeology*, 1, 1993b, 133-150.

_____. *A cidade e a civilização romana: um instrumento didático*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.

_____. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

_____. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. *Patrimônio e Cultura Material*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

_____. *Arqueologia e patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007.

_____. *Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya. Arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano*. Barcelona: Editorial Académica Española, 2012.

FUNARI, P.P.A.; ORSER JR, C.E.; SCHIAVETTO, S.N.O. *Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005.

FUNARI, P.P.A.; PELEGRINI, S. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R.S.; LETALIEN, B.L. (eds.). *New perspectives on the ancient world: modern perceptions, ancient representations*. Oxford: Archaeopress, 2008.

FUNARI, P.P.A.; SILVA, M.A.O. (eds.). *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

FUNARI, P.P.A.; NOGUEIRA, P.A. de S.; COLLINS, J.J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010.

GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e salteadores na Roma antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

_____. *Gladiadores na Roma antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume, 2005.

HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture: unity, diversity and empire*, Londres: Routledge, 2005.

HORSFALL, N. M. *La cultura della plebs romana*, Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1996.

HORSFALL, N. M. 2003: *The Culture of the Roman Plebs*, Londres: Bristol Classical Press, 2003.

MATTINGLY, D. J. *Imperialism, Power, and Identity. Experiencing the Roman Empire*, Princeton: Princeton University Press, 2011.

MILNOR, K. *Graffiti and the Literary Landscape in Roman Pompeii*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. *La annona militaris y la exportación de aceite de oliva en Germania*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. *Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien. Materialien zu einem Corpus der in Deutschland veröffentlichten Stempel auf Amphoren der Form Dressel 20*. Stuttgart: Kommissionsverlag Konrad Theiss, 1997.

TERRENATO, N. The Romanization of Italy: global acculturation of cultural bricolage. In: FORCEY, C., HAWTHORNE, J., WITCHER, R. (eds.). *TRAC 97. Proceedings of the Seventh Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxford: Oxbow Books, 1998, 20-27.

TERRENATO, N. The cultural implications of the Roman conquest. In: BISPHAM, E. (ed.). *Roman Europe (the short Oxford history of Europe)*. Oxford: Oxford University Press, 2008, 234-264.

TERRENATO, N. Patterns of cultural change in Roman Italy. Non elite-religion and the defense of cultural self-subsistency. JEHNE, M., LINKE, B., RÜPKE, J. (eds.). *Religiöse Vielfalt und soziale Integration. Die Bedeutung der Religion für die kulturelle Identität und politische Stabilität im republikanischen Italien*. Heidelberg: Verlag Antike, 2013, 43-60.

WEBSTER, J. Creolizing the roman provinces, *American Journal of Archaeology*, 105/2, 2001, 209-225.

WHITTAKER, C. R. *Les frontières de l'Empire Romain*. Besançon: Université de Franche-Comté, 1989.

WITCHER, R. Globalisation and roman identity: perspectives on identities in roman Italy. In: HERRING, E., LOMAS, K. (eds.). *The Emergence of State Identities in Italy in the First Millennium BC*. Londres: Accordia Research Institute, University of London, 2000, 213-225.

WOOLF, G. The unity and diversity of romanization, *Journal of Roman Archaeology*, 5, 1992, 349-352.

WOOLF, G. The Formation of Roman Provincial Cultures. In: METZLER, J. et alii (eds.). *Integration in the Early Roman West. The role of Culture and Ideology*. Luxemburgo: Musée National d'Histoire et d'Art, 1995, 9-18.

WOOLF, G. Beyond Romans and natives, *World Archaeology* 28/3, 1997, 339-350.

WOOLF, G. *Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

OBRA CIENTÍFICA Y HONESTIDAD INTELECTUAL: UN COMENTARIO (Y HOMENAJE) A LA OBRA DE PEDRO PABLO ABREU FUNARI

Víctor Revilla Calvo¹

Como es habitual en la comunidad científica, mi primera aproximación a Pedro Pablo Abreu Funari fue indirecta. Dicho de otro modo, el era para mí lo que solemos denominar un “conocido bibliográfico”, alguien a quien conocemos mucho antes por su producción científica que en persona. En el caso de Pedro Pablo, ese conocimiento remonta al periodo, finales de la década de 1980, en que preparaba mi tesis de licenciatura sobre economía romana; seguida años más tarde por una tesis sobre el mismo tema. En ese momento, las indicaciones de mi director de tesis me llevaron a buscar y leer sus trabajos científicos. Esos trabajos me impactaron. No se trataba solo de que la temática se moviera en el ámbito de la economía romana y que afectaran, de algún modo, mi propio trabajo. En ellos había ideas, se proponían hipótesis bien fundamentadas, desarrolladas con un modo de pensar que no era todavía frecuente en la literatura científica española. Detrás había también una metodología poco habitual, determinada por una perspectiva multidisciplinar, que recurría, sin complejos, a la epigrafía sobre el *instrumentum*, la arqueología y los textos literarios; estos últimos, eran además deconstruidos cuidadosamente, ya que se percibía claramente su condición de imágenes codificadas elaboradas por las elites griegas y romanas.

Este conocimiento indirecto se convirtió en relación personal, con ocasión de una de las varias visitas que Pedro Pablo realizó a España; más concretamente, como resultado de algunas de sus estancias de investigación en nuestra universidad. Fruto de esa relación fue la propuesta de realizar una estancia en la Universidade Estadual de Campinas. Este proyecto fue posible en 1999, gracias a una ayuda de FAPESP. Es difícil resumir las impresiones de esa estancia, determinante

¹ Profesor Titular, Universitat de Barcelona, Barcelona, España. E-mail: victorreillac@gmail.com

para mí, a pesar de no ser muy larga, tanto a nivel científico como personal. Gracias a esa estancia tuve oportunidad de conocer otra comunidad académica, otra práctica científica y, sobre todo, otra sociedad, la brasileña, construida sobre la base del multiculturalismo. Llegué a Brasil algo desorientado, sin nada más que tópicos sobre el país, que muy pronto me mostró toda su diversidad. También algo desorientado sobre qué podría aportar al plan de estudios de una universidad como Campinas. ¿Podía interesar una investigación centrada en la historia de la conquista y la economía de Hispania? Y sobre todo ¿esa investigación podía conectar intelectualmente con las necesidades personales de unos estudiantes para los cuales la Historia de Roma no constituía un legado cultural acríticamente aceptado?

Desde luego, el balance fue extremadamente positivo para mí. En Campinas encontré otra forma de organizar y de sentir la vida universitaria, dentro de un marco académico que tenía poco que ver con el de la universidad española: un marco de convivencia y actividad científica construido a partir de una relación más cercana y una mayor libertad en la relación profesor-alumno, el intercambio de opiniones y la vocación; todo ello construido a partir de la constatación de la fuerte diversidad de procedencias e intereses de los miembros de la comunidad universitaria. Tuve ocasión, igualmente, de vivir y conocer otras situaciones (en Sao Paulo, en Joinville), en el ámbito universitario y en la vida cultural de los museos locales y regionales, cosa que me permitió apreciar las motivaciones que explican la relación entre sociedad, ciencia y patrimonio que ha inspirado la acción y el pensamiento de Pedro Pablo. Mi estancia en Brasil también me sirvió para conocer a algunos de sus alumnos y discípulos. La relación con ellos ha continuado en años posteriores, gracias a estancias en la Universidad de Barcelona. Todos ellos muestran la misma motivación, libertad de pensamiento y curiosidad científica de su maestro. Algo que puede definirse como la “marca de fábrica” de una escuela.

Este breve resumen de circunstancias personales me sirve, a modo de introducción, para realizar un comentario más específico sobre lo que ha significado la influencia de la obra de Pedro Pablo en diversos ámbitos de la historiografía y la arqueología de la Antigüedad Clásica en España.

La obra de Pedro Pablo Funari se ha desarrollado en ámbitos realmente muy diversos, desde los estudios de cultura material de la antigüedad más especializada hasta la arqueología histórica, seguramente una de sus áreas de trabajo preferidas. En el caso de algunos investigadores esta diversificación corre el peligro de conducir a la dispersión y a la superficialidad. En el caso de Pedro Pablo, este rasgo es el reflejo de una profunda curiosidad intelectual que tiene efectos positivos ya que le ha permitido aprovechar repetidamente las ideas y las prácticas mentales desarrolladas en un área de investigación a otros ámbitos. Bastará con analizar el impacto del trabajo del autor en algunos campos de alta especialización.

El primero, el de la cultura material romana, donde el autor ha dedicado una atención especial a las evidencias arqueológicas relacionadas con la producción y exportación de productos alimentarios en la antigua Roma; en particular, al estudio de la tipología y la epigrafía de las ánforas romanas como documento que permite la cuantificación, la datación y la cartografía de los flujos comerciales. Este estudio tiene la ventaja añadida de que ofrece la posibilidad de profundizar en el conocimiento de la sociedad romana al analizar los fenómenos de consumo y gusto desarrollados por las diversas clases o colectivos sociales. En las últimas décadas, a partir de 1960-1970, los estudios dedicados a la cultura material de la antigüedad y, en particular, a sus producciones cerámicas, han experimentado un desarrollo acelerado. Este fenómeno se ha traducido en una auténtica explosión de publicaciones que, con diversa extensión y profundidad, abarcan todas las posibilidades de análisis: desde las monografías de excavación, en las que se describen los repertorios asociados a las formas de vida y trabajo de un asentamiento, hasta las síntesis regionales que abordan cuestiones relacionadas con los mecanismos económicos, culturales y políticos que impulsaron la creación de unos circuitos de intercambio de alcance mediterráneo. Más recientemente, a partir de la década de 1990, al compás del desarrollo de la informática, se han introducido en Historia Antigua, nuevos instrumentos de recogida, catalogación y análisis de la documentación que han permitido crear bases de datos cada vez más amplias y complejas. Un ejemplo de ello son, entre otras, la base de datos sobre epigrafía anfórica dirigida por J. Remesal desde la Universidad de Barcelona, online desde 1991 (<http://ceipac.ub.edu>), o la base sobre

tipología y arqueometría anfórica impulsada por S. J. Keay en la Universidad de Southampton (*Roman Amphorae: a Digital Resource*, desde 2005)². Estas bases de datos, que integran documentación tradicional (tipologías, epigrafía) y de nuevo tipo (arqueometría), han proporcionado un impulso renovado al estudio de la cultura material. Por ejemplo, permitiendo establecer relaciones entre diversos tipos de datos o secuencias cronológicas, así como el análisis estadístico y la cuantificación. Esta última posibilidad es imprescindible en historia económica, como se aprecia en el intenso debate teórico generado en los últimos años (Bowman & Wilson, 2009; Callataÿ, 2014).

Este interés creciente por la cerámica refleja la conciencia de la importancia de este tipo de documentación para plantear cuestiones de carácter histórico; baste citar, como ejemplo, el problema que supone definir, en términos de continuidad e innovación, los cambios que se producen en las estructuras sociales o económicas y las mentalidades entre la República y el Imperio, para lo cual la cultura material aporta evidencias importantes en forma de tradiciones artesanales (locales, regionales, provinciales) o de nuevos hábitos de consumo y de trabajo (es el caso del fenómeno del reciclaje en el ámbito doméstico). Los nuevos interrogantes, en clave histórica, que plantea esta evidencia material tan modesta han generado una renovación total de perspectivas y de planteamientos de trabajo.

Los nuevos procedimientos analíticos, en particular, han permitido superar el recurso exclusivo a la clasificación tipológica como forma tradicional para identificar las producciones y reconstruir los circuitos de intercambio. De forma necesaria, esta renovación ha conducido a la definición de espacios de debate cada vez más acotados por los problemas tratados y los métodos utilizados. Siguiendo la experiencia desarrollada en el estudio de la cultura material de otros periodos, los distintos tipos de cerámicas (especialmente, las vajillas de mesa y las

² Pueden citarse otros recursos igualmente importantes, aunque con una intención más limitada: como la base de datos sobre ánforas de fabricación hispana del Institut Català d'Arqueologia Clàssica de Catalunya (<http://amphorae.icac.cat>) o la dedicada a la arqueometría de las ánforas galas de los siglos I a III d.C. gestionada por la Maison Archéologie & Ethnologie, René-Ginouvès de Nanterre (www.mae.u-paris10.fr/terresdamphores)

ánforas) son tratados cada vez más como objetos de estudio específicos que requieren una aplicación particular de los procedimientos analíticos generales y la elaboración de hipótesis apropiadas. Sólo de esta forma puede alcanzarse un mejor conocimiento de las relaciones con otras manufacturas (entendiéndolas globalmente como resultado de unas tradiciones artesanales y culturales) y con la producción de otros bienes para, en última instancia, lograr un conocimiento más amplio de ciertos aspectos de la economía y de las sociedades antiguas. Toda la obra de Pedro Pablo Funari se integra en ese contexto de renovación teórica y metodológica, superando la perspectiva centrada en la clasificación tipológica de categorías particulares de vajilla o de las ánforas. Es fundamental, al respecto, la monografía redactada con C. Carreras sobre la circulación del aceite de *Baetica* o *Africa Proconsularis* en las provincias septentrionales del imperio romano: *Britannia y el Mediterráneo. Estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia* (Barcelona, 1998).

Dedicar una monografía al estudio de la distribución y el consumo de un producto como el aceite no es resultado de una elección caprichosa y ello por varias por varias razones. En primer lugar, porque el aceite es, con el vino y los cereales, uno de los componentes de la famosa tríada mediterránea. Su cultivo se asocia a una ecología específica y a unas condiciones de producción que las sociedades protohistóricas e históricas del mundo oriental y mediterráneo desarrollaron y perfeccionaron a lo largo de milenios. Se trata, en otras palabras, de un recurso que simboliza un sistema socioeconómico y es, a la vez, un factor asociado a procesos de cambio y contacto cultural. El aceite es, por otro lado, un producto con usos muy diversos: alimento y condimento, combustible para iluminación, componente en la higiene, la cosmética o la, medicina, etc. Su uso, en gran cantidad y de forma regular, se asocia a un standard de vida propiamente romano y depende, en las provincias septentrionales del imperio estudiadas por Pedro Pablo, de la existencia de estructuras de comercialización. Pero este uso también depende de la difusión y aceptación (o no) de ciertos hábitos de consumo que suponen cambios significativos en las prácticas culinarias. Muestra de ello son las diferentes formas de consumo en asentamientos civiles y militares de Britania y las Germanias que Pedro Pablo ha sabido tener en cuenta. En esta percepción

se adivina el interés por la historia de la cultura y las identidades culturales que constituye otro de sus ámbitos de trabajo. El estudio de su difusión, por tanto, ha sido un medio de profundizar en el conocimiento del impacto de la conquista romana sobre las sociedades celtas y germanas que ocupaban el espacio del continente europeo entre los siglos I a.C. y II-III d.C. Los trabajos de Pedro Pablo, insertos en un diálogo enriquecedor con la obra de otros investigadores (por ejemplo: Remesal, 1986 y 1997; Whittaker, 1989), han contribuido a reconstruir las dinámicas históricas generadas por la conquista romana en el centro y occidente de Europa, situando la economía en su justo lugar. En la misma perspectiva se integran otras obras, como *Cultura material e arqueología histórica* (Campinas, 1998) y, sobre todo, *Mercato. Le commerce dans les mondes grec et romain* (Paris, 2012). Esta obra, escrita en colaboración con uno de los máximos especialistas sobre finanzas y banca en el mundo romano, Jean Andreau, contiene una selección de textos literarios clásicos que son analizados con profundo rigor.

Otro de los ámbitos de interés a los que Pedro Pablo ha concedido interés es lo que se ha denominado comúnmente la Historia de las mentalidades, cuya perspectiva es diferente a la de una Historia de la Cultura (y todavía más respecto a la de una simple Historia de las culturas). No hace falta insistir en como los discursos literarios de los autores antiguos, miembros de una élite que pensaba, actuaba y se imaginaba a escala imperial, ofrecen una imagen del orden social basada en la aceptación de una jerarquía natural, con diferencias igualmente naturales de riqueza, estatus y condición jurídica; por no hablar de las desigualdades apoyadas en el género y la edad, que convierten a algunos colectivos en invisibles; esta invisibilidad afecta en especial a la mujer, los grupos de edad (los ancianos o los niños) y los esclavos. El estudio de la identidad cultural es una perspectiva que pretende dar voz a otros grupos, marginados por su género, condición, estatus, pertenencia cultural, etc., rompiendo con el mensaje unidireccional, hegemónico y de autorepresentación, de las élites de una sociedad. La producción científica de Pedro Pablo, imposible de resumir aquí, es un ejemplo de una sensibilidad científica nueva, que supone el desarrollo de nuevas perspectivas, pero también de una metodología diferente, que analiza evidencias nuevas o ya conocidas.

El ámbito más evidente es el de los graffiti. Esta práctica es particularmente importante en el mundo romano, como muestran las inscripciones parietales de Pompeya y otros lugares de la Campania, así como los millares de grabados sobre cerámica recuperados en todo el imperio. A través de esta evidencia, que ha impactado fuertemente a la comunidad científica desde su descubrimiento en el siglo XVIII y que afectó al modo tradicional (a la vez, académico y convencional) de valorar la sociedad romana, ha sido posible aproximarse de modo diferente a los valores y los comportamientos de colectividades marginadas en el registro literario, definir los procesos que conducen a la creación de formas de identidad colectiva e individual (social, cultural, de género, etc) y analizar las relaciones y conflictos entre los diversos grupos que integra una sociedad tan fuertemente jerarquizada como la romana; una sociedad en la que, como resultado de la conquista romana del mediterráneo, confluyen una cultura de élite (determinada por un lenguaje estético y unos modelos éticos helénicos profundamente readaptados en el periodo helenístico) y un mosaico de culturas regionales muy diversas. Estas culturas, a su vez, habían sido más o menos influidas por el legado griego desde época arcaica: púnicos, etruscos, celtas, egipcios, persas. Estudiar las manifestaciones escritas de la sociedad romana, más allá de la literatura culta, significa desarrollar una doble perspectiva y una doble sensibilidad, a la vez social y cultural. Sólo así es posible intentar desentrañar los rasgos que caracterizan las diversas culturas locales en el imperio o la cultura popular romana (de límites imprecisos de definir) y su evolución en el tiempo. De modo más concreto, solo desde esta sensibilidad se puede percibir el proceso de creación cultural a través de las cuales diversos colectivos definieron su identidad y se situaron en un contexto histórico complejo. El imperio romano, con su extensión y diversidad, es, en ese sentido, una realidad muy compleja y difícil de captar.

En este contexto histórico complejo, el uso de la escritura en formas diversas, desde el signo a la palabra, en combinación con el uso de imágenes, debió contribuir a dar nuevos significados a los objetos cotidianos sobre los que se escribieron, ya que les atribuía un valor comunicativo que relacionaba individuos y ciertas iniciativas, que se concentraban en un lugar. Esto es lo que sucede con los millares de

objetos inscritos que ha recuperado la arqueología, redactados tanto en latín como en las otras lenguas que incluía el imperio. Pero esta auténtica invasión de la palabra escrita y de la imagen se aprecia también en otro tipo de soportes: las paredes.

Este conjunto de prácticas de comunicación, se desarrollaron en lugares y situaciones precisas, en relación con unas intenciones o unas funciones que no siempre se pueden precisar o que no se explicitan claramente. Son mensajes cotidianos e inmediatos, que responden a necesidades de expresión inmediata y directa; en otras palabras, son mensajes codificados, cotidianos, sin pretensión de eternidad, difíciles de desentrañar. Son, precisamente por estas razones, un medio fundamental de aproximarse a las creencias y los comportamientos reales de gran parte de la población del imperio, ya que son parte de mecanismos de comunicación social y de definición de identidades desarrollados por individuos, pequeños colectivos y comunidades en diversos escenarios y situaciones. Entre estas se puede considerar la religión, pero también los complejos juegos de alusiones y de identificación personal generados por la convivencia y el trabajo cotidiano que aparecen en la paredes o sobre vajilla. Ninguna de estas posibilidades se puede excluir. Como han puesto de relieve diversos investigadores, la definición de identidades en la sociedad romana implicaba procesos activos de selección entre un repertorio de imágenes y una cultura material, en continua redefinición, generada dentro de un marco imperial; esta selección se acompañaba de un uso preciso de diversas formas de mensaje escrito (Alfayé & Marco, 2008; Woolf, 1995; Hingley, 2005).

Es en este campo de estudio donde se integra una obra de pequeño formato, breve y sencilla, pero muy importante: *La cultura popular en la antigüedad clásica* (Écija, 1991). En ella se recoge e interpreta un conjunto de ejemplos de grafitos parietales de Pompeya caracterizados por la combinación de texto e imagen. Todos ellos se conocen desde antiguo y numerosos investigadores han destacado, justamente, los temas que tratan estos grafitos: situaciones relacionadas con el ambiente de los juegos gladiatorios (combates, héroes populares), el sexo, los chismes de vecindario o de la vida local. El análisis que se hace de estas evidencias en este libro ha sabido destacar algunos principios que caracterizan el

lenguaje popular y sus códigos: los juegos de palabras y las alusiones más o menos claras, las exageraciones humorísticas, el uso cuidadoso de los insultos o la palabra soez (no siempre ofensivos) y del doble sentido. También se ha destacado otro aspecto fundamental: la ya aludida combinación de texto e imagen. Esta combinación es más profunda de lo que puede parecer, ya que el texto no funciona simplemente como didascalía informativa. El texto adquiere también un valor estético, supera los límites tradicionales de la *ordinatio*, convertido en otra imagen. De este modo, una frase asume una configuración sinuosa o una forma que sugiere el mensaje transmitido: la fealdad de una persona a través de rasgos somáticos esquematizados; la potencia sexual, etc. La disposición del texto, en resumen, refuerza y completa, todo cuanto se representa con la imagen. Son elementos inescindibles de un mismo mensaje. El análisis de Pedro Pablo, a través de ejemplos muy bien escogidos, profundiza en esta y otras ideas para descubrir un auténtico código. Igualmente importante es el análisis de la estructura interna de los textos y los elementos componentes, organizados en torno a una serie. Muchos de esos aspectos se amplían en trabajos posteriores³.

La influencia de esta monografía se aprecia en la obra de otros autores, como N. Horsfall (1996 y 2003), y puede percibirse en trabajos muy recientes, como la monografía de Kristina Milnor (2014) dedicada al "*Literary Landscape in Roman Pompeii*". Se podrá argumentar que los grafitos parietales de las ciudades del Vesubio solo permiten una aproximación parcial y sesgada al conocimiento de la cultura de las clases inferiores de la sociedad romana (una visión "italocéntrica"). Pero hay suficientes indicios de la extensión de esta práctica en todo el Mediterráneo, en todo tipo de situaciones y sobre todo tipo de soportes materiales (cerámica, paredes, piedra) para utilizar la evidencia de Pompeya y Herculano como el medio más directo para aproximarse a las realidades y preocupaciones cotidianas de una sociedad de dimensiones imperiales. Utilizando una vieja y afortunada expresión, también en esta esfera el periodo imperial supone una extensión del "epigraphic habit". El trabajo de Pedro Pablo se ha completado con la explotación de líneas

³ P. P. A. Funari, "El carácter popular de la caricatura pompeyana", *Gerión*, 11, 1993, 153-173, especialmente pp. 169 y siguientes. También "Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii", *Journal of European Archaeology*, 1, 1993, 133-150.

de investigación que abordan otras temáticas y recurren a otros filones documentales. Se puede citar, al respecto, *Aspectos de La Cultura Popular Romana a Partir de Pompeya. Arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano* (Madrid, 2012). Varios de los discípulos de Pedro Pablo han desarrollado esta línea de investigación con gran provecho. Basta recordar algunas de las monografías de Renata Senna Garraffoni (*Bandidos e salteadores na Roma antiga. Concepções da elite romana sobre a transgressão social*, Sao Paulo, 2002; *Gladiadores na Roma antiga*, Sao Paulo, 2005) o la obra de Lurdes Feitosa (*Amor e sexualidade. O Masculino e o Feminino em Grafites de Pompéia*, Sao Paulo, 2005).

Paralelamente, el trabajo de Pedro Pablo se inserta en un campo de estudios más amplio y que ha conocido un particular desarrollo en las últimas décadas: el cambio cultural y los procesos de definición de las identidades en diversos ámbitos: social, religioso, político. El debate al respecto es muy importante y ha iniciado con el cuestionamiento radical de perspectivas (la perspectiva colonial, en primer lugar) y de la misma terminología, empezando por la palabra “romanización”. La bibliografía al respecto es enorme y el debate es muy animado (Woolf 1992, 1995, 1997a-b y 1998; Webster, 2001; Hingley 2005; Witscher 2000; Terrenato 1998, 2008 y 2013). En este escenario, los estudios pioneros sobre cultura popular, un término en sí mismo difícil de definir adquieren un nuevo valor por la importancia que conceden al estudio integral de los grafitos como combinación específica de texto, imagen y soporte como un medio de definir las identidades individuales y colectivas en la sociedad romana (Cooley 2002; para la cultura popular en la Roma imperial: Horsfall 2003; Toner 2009). El análisis del autor se ha ampliado en los últimos años a la perspectiva de la identidad, como muestran algunas obras importantes y coloquios editados: *Identidades, discurso e poder. Estudos da arqueologia contemporânea* (Sao Paulo 2005), *Politica e identidades no mundo antigo* (Sao Paulo, 2009), *Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo* (Sao Paulo, 2010). El tema de la identidad es analizado en estos trabajos desde perspectivas muy diversas (sociedad, religión, guerra, política) que relacionan mundo antiguo y nuestra época contemporánea.

Esto nos conduce hasta otro ámbito de estudio, de gran actualidad y que sobrepasa los límites estrictos de la investigación académica: la

“recepción” del mundo clásico. El interés por los problemas en torno a la transmisión del legado clásico, su contribución a la definición de una identidad (europea u occidental) o su manipulación responden, a mi juicio, a una idea particular: la “recepción” como un diálogo, en continua revisión, entre nuestra sociedad moderna y el pasado. Este diálogo se convierte en debate cuando se evalúa el peso del legado clásico en la composición de la identidad de la sociedad brasileña contemporánea. La percepción de la actualidad de este debate inspira iniciativas como la obra *New Perspectives on the Ancient World: Modern perceptions, ancient representations* (British Archaeological Reports International Series núm. 1782, Oxford, 2008), editada por Pedro Pablo junto a R. S. Garraffoni y B. Letalien.

A su vez, la actividad de Pedro Pablo en este campo inspira la elaboración de material didáctico y pedagógico, buena parte del cual he conocido y utilizado directamente. Su actividad se ha materializado en la preparación de instrumentos de trabajo de tipo muy diverso. Estos instrumentos se han pensado para su utilización en contextos muy diferentes, con actores igualmente diversos: el gran público, el aficionado deseoso de profundizar en el mundo antiguo, los jóvenes a punto de acceder a la universidad. La elaboración de este tipo de instrumentos es especialmente difícil, ya que se debe evitar por igual la simplificación (que implica reducir una información a unas pocas fórmulas reductivas) y la homogenización excesiva. Este doble proceso de simplificación y homogenización encierra otro peligro: construir una imagen del pasado idealizada y que reproduce del discurso elaborado por unas élites, sea la sociedad esclavista romana sea el Brasil moderno y contemporáneo, una sociedad también parcialmente basada en la esclavitud. Sobre este aspecto ya se ha insistido anteriormente. La obra de P.P. Funari evita este peligro y es consciente de la necesidad de dirigirse a personas y colectivos cuyos intereses y necesidades evolucionan en función del contexto cotidiano en el que actúan, como aficionados, como escolares, como “consumidores” de cultura, etc.; los mismos individuos, pero con intereses cambiantes. Afortunadamente, la comunidad científica es cada vez más consciente de la obligación ética de difundir los resultados de una actividad investigadora que ha sido sostenida con una financiación pública y de revestir esos resultados a la sociedad. Una obligación ética,

desde luego, pero también una actuación guiada por factores prácticos: buscar el apoyo social para una práctica científica cada vez más costosa y cada vez más difícil de justificar por la simple curiosidad científica. La obra de Pedro Pablo es pionera en ese sentido, no solo en la sociedad brasileña, sino también por su influencia en el trabajo de muchos colegas en otros países del continente americano. Esta obra recoge una amplia gama de matices: *Arqueologia* (Sao Paulo, 1988), *A Cidade e a civilização romana: um instrumento didático* (Campinas, 1997), *Antigüidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos* (Campinas, 2003), *Patrimônio histórico e cultural* y *Patrimônio e cultura material* (ambos publicados en 2006), *Arqueologia e patrimonio* (Erechim, 2007).

Es imposible hacer justicia al valor de la obra de Pedro Pablo Funari o, más sencillamente, intentar resumir su impacto en el ámbito de las ciencias históricas; sea en Brasil, en el ámbito académico americano o en España. Si hubiera que explicar en que reside este valor, habría que hacer referencia sin duda a la combinación de rigor científico, honestidad intelectual y sensibilidad. Una combinación rara en nuestra profesión que he tenido el privilegio de conocer personalmente.

Bibliografía

ALFAYÉ, S.; MARCO, F. Religion, language and identity in Hispania: Celtiberian and Lusitanian rock inscriptions. In: HÄUSSLER (ed.). *Romanisation et épigraphie. Études interdisciplinaires sur l'acculturation et l'identité dans l'Empire romain*. Montagnac: Éditions Monique Mergoïl, 2008, 281-305.

BOWMAN, A. K. & WILSON, A. I. (eds.). *Quantifying the Roman Economy: Methods and Problems*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

CALLATAY, F. de (ed.). *Quantifying the Greco-Roman Economy and Beyond*, Bari: Edipuglia, 2014.

CARRERAS MONFORT, C.; FUNARI, P.P.A. *Britannia y el Mediterráneo: estudios sobre el abastecimiento de aceite bético y africano en Britannia*. Barcelona: Edicions Universitat Barcelona, 1998.

COOLEY, A. (ed.). *Becoming Roman, Writing Latin? Literacy and Epigraphy in the Roman West*. Portsmouth, RI: Journal of Roman Archaeology, 2002.

FEITOSA, L.C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompeia*. São Paulo: Annablume, 2005.

FUNARI, P.P.A. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *La cultura popular en la Antigüedad Clásica*. Écija: Editorial Sol, 1991.

_____. El carácter popular de la caricatura pompeyana, *Gerión*, 11, 1993a, 153-173.

_____. Graphic caricature and the ethos of ordinary people at Pompeii, *Journal of European Archaeology*, 1, 1993b, 133-150.

_____. *A cidade e a civilização romana: um instrumento didático*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1997.

_____. *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

_____. *Antiguidade clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: Unicamp, 2003.

_____. *Patrimônio e Cultura Material*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

_____. *Arqueologia e patrimônio*. Erechim: Habilis, 2007.

_____. *Aspectos de la cultura popular romana a partir de Pompeya. Arte, erotismo y sensibilidad en el mundo romano*. Barcelona: Editorial Académica Española, 2012.

FUNARI, P.P.A.; ORSER JR, C.E.; SCHIAVETTO, S.N.O. *Identidades, discurso e poder: estudos da arqueologia contemporânea*. São Paulo: Annablume, 2005.

FUNARI, P.P.A.; PELEGRINI, S. *Patrimônio Histórico e Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R.S.; LETALIEN, B.L. (eds.). *New perspectives on the ancient world: modern perceptions, ancient representations*. Oxford: Archaeopress, 2008.

FUNARI, P.P.A.; SILVA, M.A.O. (eds.). *Política e identidades no mundo antigo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2009.

FUNARI, P.P.A.; NOGUEIRA, P.A. de S.; COLLINS, J.J. (org.). *Identidades fluidas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2010.

GARRAFFONI, R.S. *Bandidos e salteadores na Roma antiga*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.

_____. *Gladiadores na Roma antiga: dos combates às paixões cotidianas*. São Paulo: Annablume, 2005.

HINGLEY, R. *Globalizing Roman Culture: unity, diversity and empire*, Londres: Routledge, 2005.

HORSFALL, N. M. *La cultura della plebs romana*, Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1996.

HORSFALL, N. M. 2003: *The Culture of the Roman Plebs*, Londres: Bristol Classical Press, 2003.

MATTINGLY, D. J. *Imperialism, Power, and Identity. Experiencing the Roman Empire*, Princeton: Princeton University Press, 2011.

MILNOR, K. *Graffiti and the Literary Landscape in Roman Pompeii*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. *La annona militaris y la exportación de aceite de oliva en Germania*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986.

REMESAL RODRÍGUEZ, J. *Heeresversorgung und die wirtschaftlichen Beziehungen zwischen der Baetica und Germanien. Materialien zu einem Corpus der in Deutschland veröffentlichten Stempel auf Amphoren der Form Dressel 20*. Stuttgart: Kommissionsverlag Konrad Theiss, 1997.

TERRENATO, N. The Romanization of Italy: global acculturation of cultural bricolage. In: FORCEY, C., HAWTHORNE, J., WITCHER, R. (eds.). *TRAC 97. Proceedings of the Seventh Annual Theoretical Roman Archaeology Conference*. Oxford: Oxbow Books, 1998, 20-27.

TERRENATO, N. The cultural implications of the Roman conquest. In: BISPHAM, E. (ed.). *Roman Europe (the short Oxford history of Europe)*. Oxford: Oxford University Press, 2008, 234-264.

TERRENATO, N. Patterns of cultural change in Roman Italy. Non elite-religion and the defense of cultural self-subsistency. JEHNE, M., LINKE, B., RÜPKE, J. (eds.). *Religiöse Vielfalt und soziale Integration. Die Bedeutung*

der Religion für die kulturelle Identität und politische Stabilität im republikanischen Italien. Heidelberg: Verlag Antike, 2013, 43-60.

WEBSTER, J. Creolizing the Roman provinces, *American Journal of Archaeology*, 105/2, 2001, 209-225.

WHITTAKER, C. R. *Les frontières de l'Empire Romain.* Besançon: Université de Franche-Comté, 1989.

WITCHER, R. Globalisation and Roman identity: perspectives on identities in Roman Italy. In: HERRING, E., LOMAS, K. (eds.). *The Emergence of State Identities in Italy in the First Millennium BC.* Londres: Accordia Research Institute, University of London, 2000, 213-225.

WOOLF, G. The unity and diversity of Romanization, *Journal of Roman Archaeology*, 5, 1992, 349-352.

WOOLF, G. The Formation of Roman Provincial Cultures. In: METZLER, J. et alii (eds.). *Integration in the Early Roman West. The role of Culture and Ideology.* Luxemburgo: Musée National d'Histoire et d'Art, 1995, 9-18.

WOOLF, G. Beyond Romans and natives, *World Archaeology* 28/3, 1997, 339-350.

WOOLF, G. *Becoming Roman: The Origins of Provincial Civilization in Gaul.* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.